

NAS SENDAS DO ROMANCE: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE *MALINCHE*, DE LAURA ESQUIVEL

Maria Luana dos Santos¹

Alexandra Santos Pinheiro²

RESUMO: Analisamos a obra *Malinche* (2006), de Laura Esquivel, seguindo os pressupostos teóricos bakhtinianos no que tange ao processo de estruturação do gênero romance. Ademais, trabalhamos com o conceito de representação na perspectiva estético-literária enquanto aclaradora da relação mundo-realidade. Ao considerarmos a relação estabelecida entre estes pólos de leitura, podemos inferir que o Romance atua de modo a representar sistemas sociais. Ainda com relação à interdependência dos conceitos, buscamos compreender como a obra se constitui como um mecanismo de representação, e, nessa perspectiva, desencadeia a possibilidade de apreensão de um sistema social. Tais considerações buscavam detectar a constituição identitária da comunidade mexicana na época do processo de colonização pelos espanhóis e, que de um modo ou de outro, acaba por refletir na formação social contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Romance. Representação. Mundo-realidade.

NÃO MAIS QUE UM COMEÇO

Quando penso nas suas palavras cheias de entusiasmo e tristeza, me parece que ele tinha encontrado um povo cuja cultura era a representação coletiva do desespero que ele próprio vivia como um traço de personalidade. E compreendo por que quisesse tanto voltar aos Trumai e ao inferno que me relatou. Como se estivesse cego por algum tipo de obstinação. Queria impedir que desaparecessem para sempre. O livro que escreveria sobre eles seria uma forma de mantê-los vivos, e a si mesmo. (Bernardo Carvalho, 2006)

Malinche foi escrito em 2006 por Laura Esquivel. A autora nasceu em 30 de setembro de 1950 na capital mexicana, iniciando suas atividades, ainda na década de 80, como roteirista. Ficou internacionalmente conhecida entre fins dos anos 80 e início dos noventa, após a publicação do romance *Como água para chocolate* (1989), traduzido para mais de trinta idiomas. Foi adaptado para o cinema, com o mesmo título, em 1992, pelo seu esposo na

¹Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), e, mestrado em andamento pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), na área de concentração em Literatura e Práticas Culturais. Trabalho desenvolvido com bolsa de estudos FUNDECT/CAPES.

²Possui pós-doutorado pela Universidade de Jaén (Espanha), e, é professora do quadro permanente de docentes da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

<i>Revista Língua & Literatura</i>	FW	v. 16	n. 26	p. 197-212	Recebido em: 31 mar. 2014. Aprovado em: 29 jul. 2014.
--	----	-------	-------	------------	--

época, o ator Alfonso Arau. Escreveu obras e programas infantis para a televisão pública mexicana, fato decorrente de sua formação como educadora e da falta de materiais para esse público. Sua intenção inicial não era a publicação de romances, mas sim escrever roteiros para filmes. No entanto, como produções cinematográficas possuem um custo elevado, foi encorajada a escrever literatura. Dentre a sua produção, é possível destacar: *Como agua para chocolate* (1989), *La ley del amor* (1995), *Íntimas succulencias* (1998), *Estrellita Marinera* (1999), *El libro de las emociones* (2000), *Tan veloz como el deseo* (2001), *Malinche* (2006) e *Escribiendo la nueva historia* (2013)³.

A narrativa em foco postula o trajeto entre a vida e a morte de Malinche, a ‘amante’/‘escrava sexual’ e intérprete do ‘conquistador’ espanhol Hernán Cortés. Dividido em oito capítulos, o texto conta a conquista da sociedade Asteca por meio do enredo tradicional, mas também através de uma narrativa caracteristicamente pré-colombiana, isto é, por um códice⁴. A história ocorre de modo cronológico à medida que se narra os aspectos da conquista dos territórios pertencentes ao atual estado mexicano pela coroa espanhola, de modo que o enredo acaba centrando-se no século XVI, aproximadamente entre 1504 e 1531. Além disso, oferece um desenvolvimento psicológico trazido à tona por curtos períodos de fluxo de consciência matizados, sobretudo, pelas personagens Malinche e Hernán Cortés.

A partir da ordem de ocorrência dos fatos, nos deparamos com o nascimento da pequena Malinche, em um dia carregado por matizes mitológicos astecas, isto é, chove torrencialmente e as crenças apontam para o possível prenúncio de um importante acontecimento, que estará tentando ser transmitido por Tlaloc, o deus da água. Tal dia também deixa entrever uma das principais relações no decorrer da narrativa, um comprometimento feminino, principalmente entre neta e avó, que possui como implicante as ações tomadas pela mãe de Malinche. Poderíamos afirmar que se trata de um convívio carregado de tradição, é a avó quem realiza o parto da nora, e assumirá muito cedo a responsabilidade pela educação da neta.

Mais adiante, encontramos-nos com a figura de Cortés, que relembra a sua infância enfermiça. Deste ponto, os acontecimentos se desenvolvem em uma crescente que culminará no contato entre Cortés e Malinche, não antes de serem destacados traços culturais das mais

³ Todas as obras foram traduzidas para mais de um idioma, no entanto, cabe mencionar que todas foram traduzidas para a Língua Portuguesa, o que demonstra a boa aceitação da autora em território nacional.

⁴ Narrativa característica das sociedades pré-colombianas centrada em uma representação simbólico-imagética, que reúne várias composições sob o mesmo esquema [mesmo personagem, ação de caça ou ensinamento a ser transmitido – seja religioso ou profano], de histórias imaginadas ou não.

distintas sociedades que se colocaram frente a frente durante as primeiras décadas do “descobrimento”. Nesse ínterim, há de se perceber a condição de escrava de Malinche, passada de dono a dono, e a subversão da ordem que Cortés recebe. De uma empreitada de exploração, ele assume uma postura de conquista. É segundo esse signo que o conquistador começará a ter acesso a escravos e se verá diante da necessidade de domínio das línguas locais.

A obra evidencia que a força não surte os efeitos desejados se não for possível subjugar e enganar de modo ideológico. A conquista, a princípio, segue com o auxílio de Aguilar, frei espanhol que foi feito escravo pelos maias e, posteriormente, resgatado por Cortés. Mas logo o maia não será de grande valia, posto os astecas dominarem os outros povos e possuírem como ‘língua oficial’ o nahuatl. É por meio do domínio do nahuatl que se dará a aproximação das principais personagens do romance em questão. Quando se dá conta de que Malinche é fluente no idioma de que precisa, o conquistador espanhol retira a escrava dos serviços destinados a Portocarrero, a quem a havia destinado, colocando-a a seu serviço sob a promessa de liberdade.

Em um misto de dúvida e obediência, a protagonista atuará como a ‘língua’ de Cortés, auxiliando-o na realização de alianças com os inimigos de Montezuma, ou melhor, do império asteca, o que possibilitou o saque de grande parte das riquezas do império de Montezuma. É como intérprete de Hernán que a indígena asteca observará os massacres e saques espanhóis, condição que coloca em dúvida a ideia de que estes poderiam ser representantes do deus Quetzacoatl, aquele que não exigia sacrifícios humanos para a estabilização do cosmo. Diante desse conflito, sem saber a quem deveria servir, a escrava acaba por se acomodar ao poder espanhol, pelo medo da morte, que seria o seu fim caso traísse a nova célula de dominação, e também, se os dirigentes astecas nutrissem a mesma dúvida que ela.

Ao considerar o caminho incerto ao lado dos espanhóis e o anseio por uma sociedade que não mais cometesse sacrifícios humanos em prol dos deuses, é fato que Malinche aceitou o novo deus que lhe era apresentado, mas é correto afirmar também que não deixou de crer nos deuses originários de sua nação. A avó assume papel preponderante, pois na medida em que o processo de conquista toma corpo, os ensinamentos da avó fervilham na cabeça da jovem de aproximadamente dezesseis anos. A aprendizagem orienta as ações da personagem quanto ao esclarecimento em relação àquilo que visualiza, e lhe dá força em momentos decisivos.

Nestes termos, será o convívio e as andanças realizadas com a avó cega que permitirá à Malinche não sucumbir durante a difícil viagem em direção ao vale de Anahuac, centro do poder asteca, protegido pela altitude/localização. Será essa relação, ainda, que permitirá a ela ver a ‘verdade’ oculta com os olhos da alma, isto é, ter a certeza de que os espanhóis não eram deuses. No desenrolar do enredo, a protagonista tem a oportunidade de amadurecer o conhecimento sobre si e constata que Cortés não era a representação física de Quetzacoatl, o questiona quanto a sua liberdade prometida logo após a conquista do poder; enfrenta a mãe que a entregou como escrava para mercadores e compreende a insana busca de Cortés por poder e mais terras, ouro e conquista.

Imediatamente após a derrubada de Tenochtitlan, a obra apontará um período de calmaria no qual Cortés busca recolhimento. Neste momento, nasce seu filho com a escrava, Martín, o primeiro filho da América Latina. De modo sequencial, narra-se a chegada, comemoração e posterior morte da esposa de Hernán Cortés, ficando subentendido que ele a teria assassinado. Contudo, Cortés não é homem de ficar parado. Como se percebe no decorrer da narrativa, parte em busca de outras conquistas. Ocupando a função de tradutora, Malinche é obrigada a segui-lo. Nessa empreitada, ela acabará encontrando sua mãe e seu irmão, fruto do casamento de sua mãe após a morte de seu pai.

A contração de matrimônio da mãe será a motivação para que a avó assuma a guarda da neta, mas, quando essa morre, a mãe da menina de três anos não vê motivo para mantê-la junto de si, ela já possui outra família, e, entendendo Malinche como parte do passado, a passará para os mercadores que a venderão como escrava. Esse episódio é construído ao longo do enredo como uma marca de abandono e ressentimento por parte da “língua” de Cortés, que não hesitará em destratar àquela que a preteriu quando o reencontro acontece. Quando a indígena se dá conta de que também abandonou seu filho, toma como resolução questionar Cortés quanto às suas promessas de liberdade e vida tranquila.

A resposta a tal ‘desacato’ não poderia ser pior, ou melhor, a depender do ponto de vista. No auge da fúria, Cortés decide casar sua escrava com Jaramillo, seu braço direito, o que seria uma maneira de manter o controle sobre ambos, a uma distância segura. Assim como aconteceu com Cortés, na primeira relação sexual entre Jaramillo e Malinche, ocorre mais um estupro, realidade incontestável à época da conquista. No entanto, esse relacionamento é apresentado na narrativa obedecendo a uma perspectiva híbrida. Primeiro, há novamente a união sanguínea das duas civilizações, marcada pelo nascimento de María, depois, ocorre a hibridização pelos alimentos, bem como adequação do espaço de convívio,

que reúne traços característicos das duas partes e, por último, a expressão sincrética da fé por meio de Malinche, que une Maria a Tonantzin e Quetzacoatl a Cristo.

Os momentos finais da obra são levados a cabo pelo intenso processo de hibridação sócio-cultural, caçada a Hernán Cortés para que pagasse pelos crimes cometidos contra a coroa espanhola, assim como, pelo falecimento de Malinche. Uma morte que não marca o fim, mas o começo de uma ‘nova raça’, como é assinalado constantemente no capítulo oito/último da obra.

Um estudo predominantemente literário desta revela pontos característicos de uma sociedade que se forma dentro de composições marcadamente latino-americanas, vez que repercute o sistema social do contexto de produção da obra. Uma sociedade que busca a construção de um discurso próprio, e revelador dos matizes/aromas da América Latina. Por meio de conceitos como representação e gênero, tentamos detectar quais representações o texto em análise desenvolve a partir de seu enredo, bem como os traços que configuram o *corpus* como um romance.

O romance, enquanto uma narrativa, se coloca como modalidade que conta/narra o par mundo-realidade. Leva ao princípio de que trabalhar com representação envolve aspectos de verossimilhança e permite um desvelamento de traços característicos da sociedade mexicana, assim como, dos sujeitos a ela pertencentes. Nessa perspectiva, corroboramos com a concepção de que representar literariamente é, também, representar socialmente a comunidade de que trata a obra.

Tomar o romance *Malinche* como configurador de representações, cabe mencioná-lo como espelho para a compreensão da sociedade mexicana em uma perspectiva temporal, pois parte do passado histórico e originário para reconhecer, reavaliar e reinterpretar a sociedade mexicana do século XXI. A produção literária em questão revela esteticamente o potencial social que as obras ficcionais possuem, principalmente, por trazerem arraigadas ao seu enredo as marcas da comunidade na qual são compostas.

Toda essa reflexão só se torna possível pelo forte apelo histórico da obra de Esquivel, tendo em vista que a personagem principal do texto figura na história “oficial” da conquista dos astecas pela coroa espanhola. Malinche ora é retratada como a raiz de todo o processo de hibridação cultural mexicano, ora, e frequentemente, como a culpada de todas as mazelas do império asteca. A produção de Esquivel retoma o passado histórico em torno da personagem Malinche para conceber o presente, que traz as marcas de um passado de dominação, mas que vislumbra um futuro possível e melhor.

Nessa perspectiva, postular os vestígios da colonização, no México atual, confere à *Malinche* a possibilidade de interferir socialmente por atuar na tênue linha que separa a realidade objetiva da realidade ficcional. Estruturar uma obra com tais caracteres pode ter muitas significações, mas uma dentre elas possuiria maior destaque: representar uma formação social da qual somos partes interessadas. Tal tarefa pressupõe manter a coletividade e subjetividade vivas, não permitindo que passados, presentes e futuros se percam.

1 O ROMANCE COMO MODO DE REPRESENTAÇÃO

A história da humanidade só existe porque há narração. Ou, a narração apenas se constitui como tal pelo fato de que a humanidade precisa contar sua história. Estamos diante de mais uma das muitas dicotomias que colocam as sociedades em constante conflito. São duas afirmações inteiramente plausíveis, mas se pensarmos em termos práticos, optaremos pela segunda possibilidade. Afinal, o que seria do ser humano se ele não pudesse compartilhar as dificuldades e ameaças que colocam em perigo sua existência, e assim, adotar medidas que as amenize?

Desde que o ser humano começa a falar, ele possui a necessidade de contar o que se passou consigo e por isso, é relevante mencionar que este é, por princípio, um narrador. Somos sujeitos dominados pela ânsia de nos fazermos ouvir, para que nossas experiências, quando manifestas, possam auxiliar o grupo do qual somos seres metonímicos. Mas, para que o ato de narrar produza algum efeito, faz-se necessário estabelecer o mínimo de relação: os enunciados/frases precisam ser estruturados de modo que um exista por causa do outro. Ou seja, é preciso que tenhamos uma narração em sentido *stricto* e não uma descrição, pois esta última dispõe as frases uma após as outras.

Ao narrar, no entanto, o homem passa a construir significações e imagens concebidas de modo particular, desenvolve representações. Estas podem ser idolátricas ou icônicas. Quando da primeira espécie, o objeto representado é tomado por ele mesmo, não há distinção entre objeto e representação; no último caso, os objetos não são eles mesmos, mas compreendidos como representações, ‘imagens’ que não são os objetos, embora mantenha ligação com eles. No último caso, as representações ocorrem de modo arbitrário, tendo-se a clara distinção entre o ‘real’ e sua representação, o que configura a representação propriamente dita.

Nesse sentido, o ato humano de narrar nada mais é que a maneira pela qual ele representa, a partir de sua subjetividade/identidade, a realidade. Logo, trata-se de realidades possíveis sobre sistemas sociais, que, de um modo ou outro, não deixam de ser narrativas de experiências⁵. A experiência que se sente necessidade de compartilhar. Compartilham-se memórias, com tudo aquilo que há de coletividade ou individualidade nesta.

A obra da escritora mexicana Laura Esquivel pode ser compreendida como uma narrativa, isto porque se constitui como uma representação icônica dos aspectos sócio-culturais da sociedade mexicana do século XVI. Trata-se de representação da sociedade à época da colonização e não a sociedade mesma, bem como da tentativa de compartilhamento de experiências em relação a uma formação social que esteve submetida a um processo de dominação.

Representação pressupõe, então, tratar de possibilidades, e quando adentramos em tal temática, percorremos os espaços da verossimilhança na produção literária. O que significa refletir sobre a maneira utilizada para o estabelecimento de uma prática representativa, ou a relação entre mundo e realidade. Em outras palavras atuamos na evidência de como a representação se constitui enquanto aclaradora do par mundo-realidade:

[Assim] o *muthos*⁶ é colocado como complemento de um verbo que quer dizer compor. A poética é, assim, identificada, sem outra forma de processo, à arte de ‘compor intrigas’. A mesma marca deve ser conservada na tradução de *mimese*⁷: quer se diga imitação, quer representação (...) o que é preciso entender é a atividade mimética, o processo ativo de imitar ou de representar. É preciso, pois, entender a imitação ou a representação no seu sentido dinâmico de produzir a representação, transposição em obras representativas (RICOUER, 1994, p. 58).

Mais que compreender as relações entre mundo, realidade e representação, é de grande importância entender como a imitação/representação é produzida, desenvolvida. A investigação propriamente dita da tessitura da intriga ocorreria de modo dinâmico na apropriação da produção literária. Ao analisar as engrenagens do texto literário de Esquivel

⁵ A respeito dessa concepção de narrativa como uma experiência Cf. BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. Na referida obra o autor destaca a narrativa como um meio que possibilita a transmissão de experiências para os demais partícipes de uma sociedade/comunidade. Se considerarmos Laura Esquivel uma narradora, podemos afirmar que a narrativa produzida por ela figura como a explanação da experiência da autora enquanto ser social que vivia os efeitos de uma sociedade que passou por um processo de “civilização”/dominação e sente a necessidade de compartilhar suas impressões acerca do passado histórico de sua nação.

⁶ Compreendido como a ordenação, agenciamento, disposição dos fatos.

⁷ A representação das ações. Para parte da antiguidade clássica, compreende a imitação tal qual.

não deixaremos de considerá-la enquanto romance envolvido nas particularidades de seu gênero.

Enquanto composição, *Malinche* desenvolve um espaço no qual a representação dos fatos passa a ocupar mais destaque que as próprias personagens, que, por sua vez, deixam de ser heróis, como em outras composições, perdendo a voz narrativa para permitir que outros discursos sejam levantados. À maneira do romance, as personagens abandonam uma concepção maniqueísta e, como resultado, tornam-se a junção, expressão da dicotomia bem *versus* mal. A esse respeito nos deparamos com o seguinte fragmento:

De nada servia abrir os olhos. O pesadelo continuava. Malinalli caminhava e não caminhava. Via e não via. Falava e não falava. Estava e não estava. Vivia os dramáticos acontecimentos que se sucederam à matança sem vê-los, sem ouvi-los, sem registrá-los na memória. Não tinha espaço na mente para o presente, pois as imagens do passado, as imagens do horror, preenchiam tudo (ESQUIVEL, 2007, p. 142).

Percebemos o apagamento da personagem em benefício da representação da angústia causada pelos horrores dos massacres cometidos pela coroa espanhola em terras do ‘novo mundo’, trazidos à tona por meio de signos memorialísticos da protagonista do enredo. Ademais, é fato o desbotamento das personagens para que a narrativa seja tecida, afinal, não são os sentimentos de Malinche que ocupam posição de destaque no contexto de produção, mas o processo sanguíneo de conquista espanhola, o que é perceptível no momento final do excerto. As imagens do passado eram muito semelhantes às elipses de imagens presente, ainda frescas na memória, de modo que estas últimas não causariam muita interferência no resultado, porque eram acontecimentos recorrentes no período.

Fato que deixa entrever o *holos* da narrativa, isto é, para existir a passagem destacada, existiu ao menos uma situação anterior desencadeando-a, e que leva a afirmação de que uma narrativa, para efetivar-se como tal, necessita de começo, meio e fim, ambos encadeados, seguindo a dialética “um por causa do outro”. Espaço no qual, ao invés de tecer os fatos como verdade, o escritor-autor acaba por utilizar-se do possível. Adentra na verossimilhança por ela ser necessária à tessitura da intriga ou *muthos*, pois é preferível a utilização de possibilidades coerentes e coesas que o fato em si. Do contrário, a narrativa seria História, no sentido disciplinar, e não narrativa.

Estamos, assim, refletindo sobre como se constitui a tessitura da intriga nas narrativas. A principal afirmação a que chegamos, nesse momento, é a de que essa se estrutura por meio

da prática representativa, tomando como método a maneira do mundo-realidade ser representado na produção literária, além de colocar em relevo de quais esquemas faz uso. Em termos práticos, retomamos o conceito de representação, que engloba ao mesmo tempo a *mimese* e o *muthos*, mas, sobretudo, o caráter de referencialidade:

Na ficção se realizam os mesmos atos de linguagem que no mundo real: perguntas e promessas são feitas, ordens são dadas. Mas são atos fictícios, concebidos e combinados pelo autor para compor um único ato de linguagem real: o poema. A literatura explora as propriedades referenciais da linguagem; seus atos de linguagem são fictícios, mas, uma vez que entramos na literatura, que nos instalamos nela, o funcionamento dos atos de linguagem fictícios é exatamente o mesmo que o dos atos de linguagem reais, fora da literatura (COMPAGNON, 1999, p. 135).

Assim, por mais que a composição ficcional não seja o ‘mundo real’, com ele estabelece constante comunicação. O diálogo leva o leitor a acreditar que pode se tratar do ‘real’, afinal, a linguagem é a célula que os une de maneira amalgamada, pois, se há linguagem, como contestar a aproximação do texto literário ao real?

Nessa concepção,

Os textos de ficção utilizam, pois, os mesmos mecanismos referenciais da linguagem não ficcional para referir-se a mundos ficcionais considerados como mundos possíveis. Os leitores são colocados dentro do mundo da ficção e, enquanto dura o jogo, consideram esse mundo verdadeiro, (Ibdem, p. 136) [e, quando a teoria literária nega a realidade] não é mais que uma negação, ou o que Freud chama de uma *denegação*, isto é, uma negação que coexiste, numa espécie de consciência dupla, com a crença incoercível de que o livro fala ‘apesar de tudo’ do mundo, ou que ele constitui um mundo, ou um ‘quase-mundo’, como falam os filósofos analíticos a respeito da ficção (Ibdem, p.137) Na realidade, o conteúdo, o fundo, o real nunca foram totalmente alijados da teoria literária. (...) [Paul de Man dizia] ‘a poesia não renuncia tão facilmente e a tão baixo custo a sua função mimética [...]’ Mas é ainda essa violenta lógica binária, terrorista, maniqueísta, tão a gosto dos literatos — fundo ou forma, descrição ou narração, representação ou significação — que nos leva a alternativas dramáticas e nos joga contra a parede e os moinhos de vento. Ao passo que a literatura é o próprio entrelugar, a interface (Ibdem, p. 138).

Ao tomar o termo aristotélico por representação, a produção literária, nos termos de Compagnon, não deixa de considerar as manifestações de um quase-mundo, que, a cabo, torna-se a representação do próprio mundo, através de um processo que envolve a existência contígua do ficcional e do não-ficcional. Tal contextualização deve tirar o analista do texto literário do espaço mesmo das dicotomias. Exige dele a adoção de um posicionamento. Para adentrar no campo literário, que ocupa o entremeio, é necessário percorrer a tênue linha do duplo pertencimento.

Malinche, como obra literária, não se afasta de trazer arraigada em sua constituição o matiz da representação, e, como consequência, todos os aspectos inerentes a uma narrativa com essa característica. O “real” e o “irreal” é uma das tônicas do romance que realiza a retomada histórico-ficcional do contato entre duas civilizações com padrões completamente divergentes. Destarte, o texto em análise caminha pela estrutura mais básica da representação que é ser icônica. Não se trata da sociedade mesma, mas da representação, propriamente dita, da sociedade mexicana, com todos os implicantes envolvidos na constituição memorialística desses sujeitos e, conseqüentemente, em suas identidades.

2 MALINCHE: UMA REPRESENTAÇÃO TEMPORAL

Se *Malinche* (2006) é uma obra que possibilita a representação, devemos buscar compreender como se dá e qual representação esse texto desenvolve. Para tanto, a análise estética da produção é salutar, pois oferece uma configuração romanesca com traços que retomam as características de uma epopeia. Empreendemos uma análise do texto literário, de modo que adentramos no espaço da crítica literária naquilo que há de mais tradicional: o texto lança as bases para sua compreensão. No entanto, não deixamos de considerar os aspectos externos que atuam de modo determinante para a configuração da obra ora analisada.

Para o início desta análise, deve ser determinado o motivo pelo qual *Malinche* (2006) é um romance. De modo superficial, porque não se enquadra dentro das características dos demais gêneros. Contudo, vale ressaltar que com os outros gêneros se relaciona, adotando particularidades dessas manifestações escritas. A obra traz marcadamente os traços distintivos do romance enquanto gênero literário propostos por Bakhtin (1998) no texto “Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance”, em que o autor analisa as características do Romance paralelamente ao Epos⁸.

A primeira grande afirmação do autor (1998, p. 397-8) é a de que o romance é um gênero ainda em formação, pelo fato de ser uma produção marcada, bem como elaborada, pela sociedade moderna, trazendo em si todos os conflitos inerentes a essa formação social. O romance se constitui por ser uma produção que coloca em evidência os problemas e soluções do material de que ele mesmo se constitui, da sociedade que lhe é contemporânea.

⁸ Dicionário Houaiss Eletrônico (2007, S/P): *s.m.2g.* 1. Cada um dos poemas, antigos e orais, que exaltavam os episódios da tradição heróica e que consistiam numa forma rudimentar de poesia épica. 2. o gênero épico ou epopeia.

Sendo esta a prerrogativa inicial, *Malinche* representa os conflitos da sociedade mexicana pós-moderna, que está às voltas com sua herança social que não situa os sujeitos sociais como espanhóis nem como indígenas, o que acaba por gerar conflitos quanto ao seu desenvolvimento identitário. Tais conflitos identitários assumem maior profundidade quando nos encontramos diante do padrão ideológico da sociedade mexicana, que vislumbra em Malinche as raízes da sociedade ao qual pertencem ao mesmo tempo em que a negam [Malinche]. Quando nos voltamos à realidade ficcional, nos damos conta de que esta conduzirá a uma busca por respostas ao início do processo de colonização, ao passado, ainda no século XVI. Buscará respostas na memória individual, mas principalmente, na coletiva:

Não se tratava somente de dizer ou não dizer ou de substituir um nome por outro. Ao fazê-lo, corria-se o risco de mudar o significado das coisas. Ao traduzir, Malinalli podia mudar os significados e impor sua própria visão dos fatos, entrando em franca competição com os deuses, o que a aterrorizava. Em consequência de seu atrevimento, os deuses podiam irritar-se com ela e castigá-la, e isso sem dúvida a amedrontava. Podia evitar esse sentimento traduzindo o significado das palavras da forma mais aproximada possível, mas se os *mexicas* em determinado momento duvidassem – como ela – que os espanhóis eram enviados de Quetzalcoatl, ela seria aniquilada com eles num abrir e fechar de olhos (ESQUIVEL, 2007, p. 72).

Assumir a posição de tradutora na sociedade que principia a formar-se colocava Malinche em conflito, sem saber de quem deveria tomar partido: adotar uma identidade índia ou tomar para si a do colonizador? A solução encontrada é optar pela neutralidade, situação que não promove a solução dos problemas, mas os evidencia. Nessa ótica, os espanhóis aparecem sob o signo da dúvida, são confiáveis ou não? O fato é que, com a evolução temporal, se perceberá a incerteza como uma das principais problemáticas da sociedade mexicana. A desconfiança em relação ao estrangeiro converte-se em insegurança quanto à sua própria identidade, que é por natureza híbrida.

A representação na obra transita pelo curto espaço de uma sociedade contemporânea que busca no passado o seu processo de configuração. Mas se Bakhtin (1998, p. 405) afirma que a epopeia desenvolve a partir de sua representação o passado heróico, glorioso, uma representação social que demonstre as origens da sociedade ‘perfeita’ de seu tempo, porque a obra em questão, sendo um romance, retoma o passado?

Quiçá estejamos diante de um ponto que aproxime a obra de uma concepção voltada para a representação nos moldes da epopeia, mas o fato é que as personagens e o passado (memória) figuram de maneira diferenciada no romance em foco. Isto posto, na epopeia, o passado é a chave para toda a estrutura representativa do mundo-realidade esboçada, ao

mesmo tempo em que as personagens constituem o verdadeiro estandarte heróico. Ao contrário dessa representação, no romance, as personagens não são simples heroínas, representam seres humanos mais condizentes com as esferas sociais, isto é, sem que sejam a personificação do bem ou do mal, necessariamente. No que tange a apropriação do tempo, o passado não figura como a principal preocupação, sendo apenas mote para a representação do verdadeiro interesse do romance, o tempo presente. O que confere à utilização da memória o estatuto de aclaradora, evidenciadora das marcas/lacunas deixadas no presente por acontecimentos passados, assim como, reveladora do processo de formação de identidades.

A relação estabelecida entre passado, presente e narrativa é fundamental para ressaltar que a faculdade que preside o *epos* é a memória, onde as soluções para todos os conflitos da sociedade se encontram num passado glorioso. Na contramão do *epos*, no romance, é o conhecimento a faculdade importante. Assim, o passado buscado pelo romance em análise nada mais é que a tentativa de “autoconhecimento” situado nos efeitos do processo de colonização na sociedade mexicana contemporânea à autora da obra. E que, conseqüentemente, soma mais alguns pontos para que *Malinche* seja considerado um romance em termos bakhtinianos:

[No diálogo entre a epopeia e o romance] A profecia é própria da epopéia, a predição é própria do romance. A profecia épica se realiza totalmente nos limites do passado absoluto (se não em dada epopéia, ao menos nos limites da tradição que a envolve). Ela não diz respeito ao leitor e ao seu tempo real. Já o romance quer profetizar os fatos, predizer e influenciar o futuro real, o futuro do autor e dos leitores. O romance tem uma problemática nova e específica; seus traços distintivos são a reinterpretação e a reavaliação permanentes. O centro da dinâmica da percepção e da justificativa do passado é transferido para o futuro (BAKHTIN, 1998, p. 420).

O que significa pensar que enquanto, a epopeia propõe e resolve promessas dentro da própria narrativa, o romance realiza predições que podem ser exteriores ao texto literário, e ocorrerem em um futuro próximo, ou imediato. Assim, o romance proporia situações a partir de sua escrita, que desse conta de uma representação futura, na qual se trabalhasse com a possibilidade de um futuro com conflitos e problemas passíveis de solução. Bem como alicerçaria previsões de todas as naturezas para a sociedade que representa, visando influenciá-la de algum modo. No excerto que segue:

Seus filhos eram produto de diferentes sangues, odores, aromas e cores. Assim como a terra dava milho azul, branco, vermelho e amarelo – mas permitia a mescla entre eles –, era possível a criação de uma nova raça sobre a terra. Uma raça que

contivesse todas. Uma raça na qual se alegrasse aquele que dá a vida, com todos os seus diferentes nomes, com todas as suas diferentes formas. Essa era a raça de seus filhos.

Encantava-se ao vê-los correr pelo pátio e brincar com a água das fontes que recordavam Tula e Alhambra da mesma maneira (ESQUIVEL, 2007, p. 179).

Ao tratar em seu presente de uma problemática do passado, e que está presente na memória da coletividade mexicana, a autora fala de seu *lócus* de enunciação, por meio de uma marcação temporal. Ao falar do passado no romance, ela aborda primordialmente seu presente e realiza projeções para o futuro, que se espera seja próximo. Construção que se distancia em muito das intenções presentes em uma epopeia, já a produção de Esquivel está muito longe de retratar um passado mexicano glorioso. Se nos detivermos, contudo, na configuração de uma “nova raça”, híbrida em sua essência, observaremos as discussões da crítica contemporânea que colocam a América Latina como resultante do contato entre diferentes povos, apontando-o como uma de suas características positivas.

Nestes termos, o romance reinterpreta e reavalia constantemente a sociedade da qual é parte constituinte. Isto porque, certamente, essa relação entre pares será conflituosa nessa formação social, como podemos observar em:

Nuestro grito es una expresión de la voluntad mexicana de vivir cerrados al exterior, sí, pero sobre todo, cerrados frente al pasado. En ese grito condenamos nuestro origen y renegamos de nuestro hibridismo. La extraña permanencia de Cortés y de la Malinche en la imaginación y en la sensibilidad de los mexicanos actuales revela que son algo más que figuras históricas: son símbolos de un conflicto secreto, que aún no hemos resuelto. Al repudiar a la Malinche – Eva mexicana, según la representa José Clemente Orozco en su mural de la Escuela Nacional Preparatoria – el mexicano rompe sus ligas con el pasado [su memoria], reniega de su origen y se adentra solo en la vida histórica (PAZ, 1998, p. 36).

Elaborado enquanto prática da sociedade moderna, que evidencia a incompletude, o inacabamento da sociedade e de si, enquanto meio de representação, a obra de Esquivel está representando o México no estágio de formação inicial. Representa por meio da memória, para tentar resolver, ou influenciar, os porquês quanto à estruturação que resulta nos conflitos contemporâneos dessa comunidade. *Malinche* tenta conhecer a sua sociedade desde o início, reinterpretando e reavaliando-a por meio de sua evolução temporal, a fim de que a herança colonial seja observada não apenas em seu matiz negativo, do não conhecimento, mas sim em seu prisma positivo: a formação de uma “nova raça”.

Podemos afirmar que nosso *corpus* é marcado pela evolução/representação temporal, se não de modo claro, ao menos se depreende nas entrelinhas, já que o retorno de cinco

séculos é empregado segundo os moldes do romance, enquanto gênero. Ou seja, retornamos ao passado para considerar o presente e projetarmos/predizermos o futuro. Mas quais circunstâncias levariam a autora a empreender a representação ora colocada em destaque? O desejo de conhecer e transformar sua sociedade? Questões meramente sociológicas estas, o que possui alguma relevância nesse contexto. Mas, talvez, o ponto máximo, seja a necessidade de não perder-se a si, pois representar o México passado, não abandonar a sua memória, é colocar em evidência a sua própria constituição, seja esta benéfica ou não. É reconhecer os traços característicos de sua própria *persona*, de si enquanto sujeito social, possuidor de uma identidade ao mesmo tempo particular e coletiva.

PALAVRAS ÚLTIMAS

Na análise das características da obra de Laura Esquivel, para considerá-la um romance, percorremos algumas veredas, que, ao fim, resultaram em destinos transitáveis e sólidos. Conseguimos refletir de modo mais detido acerca da constituição do romance, mas também, da sociedade mexicana. Passamos pela narrativa como sendo uma atividade que deixa transparecer a necessidade que o ser humano tem de compartilhar suas experiências, suas memórias, por meio do ato de contar.

Para ampliar as discussões, adentramos nas linhas que levam à representação, termo que, se esgotado, permite percorrer os espaços da evidenciação dos limites instáveis entre o “real” e o “ficcional”. Uma representação que enfoca, a partir do enredo histórico, preocupações com questões sociais da sociedade onde as obras se convencionam. Ou seja, a representação tecida por *Malinche* destaca os conflitos envolvendo o processo da colonização espanhola perante a civilização asteca, bem com as marcas desse contexto na contemporaneidade.

Associar romance, enquanto gênero, e representação, enquanto característica deste, garantiu o desenvolvimento de um método de investigação que esteve preocupado não apenas com uma investigação em termos sociais ou estéticos, mas a união das duas perspectivas. Nessa corrente, a análise desenvolvida permitiu detectar passagens e concepções que não estavam restritos ao espaço do fazer literário, mas sociais de modo contíguo. Ou seja, a investigação estética acabou conduzindo a uma reflexão sobre o sistema social que estava contido no texto ficcional.

Pudemos considerar, nesse ínterim, que o romance realiza a representação de uma sociedade marcada por conflitos identitários que percorreram um largo caminho sempre sob o signo do processo de colonização da América Espanhola. Comprendemos que, não menos importante que o aspecto social, a produção estético literário assume papel fundamental quando se busca analisar a sociedade, isto por que lhe é parte constituinte e carrega todos os traços de seu sistema de significação.

Consideramos, finalmente, que a obra escrita por Laura Esquivel representa realidades possíveis a partir de construções ficcionais. O que nos permite afirmar que a representação literária passível de ser apreendida do Romance é, antes de qualquer coisa, representação estético-social e ideológica do presente mexicano. Se relacionarmos a isso a teoria do Romance de Bakhtin, entenderemos *Malinche* como um Romance em sentido *stricto*, vez que o compreendemos como uma possibilidade de autoconhecimento para a sociedade mexicana, tendo em vista que o texto em questão torna translúcidos os padrões sócio-ideológicos dessa comunidade.

EN LOS CAMINOS DE LA NOVELA: UNA INVESTIGACIÓN RESPETO A MALINCHE, DE LAURA ESQUIVEL

RESUMEN: Analizamos la obra *Malinche* (2006), de Laura Esquivel, bajo los presupuestos teóricos bakhtinianos en lo que respeta al proceso de estructuración del género novela. Además, trabajamos con el concepto de representación en la perspectiva estético-literaria, mientras se hizo comprobable la relación mundo-realidad. Al considerar la relación establecida entre estos dos puntos de lectura, pudimos inferir que la Novela actúa de modo a representar sistemas sociales. Todavía, acerca de la relación con la interdependencia de los conceptos, buscamos comprender de qué manera la obra se constituye como un mecanismo de representación, y, desde esa perspectiva, manifiesta la posibilidad de comprensión de un determinado sistema social. Esas consideraciones intentaron detectar la constitución identitaria de la comunidad mexicana a la época del proceso de colonización por los españoles y que, de una manera u otra, se refleja en la formación social contemporánea.

PALABRAS CLAVE: Novela. Representación. Mundo-realidad.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico da língua portuguesa*. Editora Objetiva, 2007.

PAZ, Octávio. *El laberinto de la soledad*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1998.

RICOUER, Paul. O tecer da intriga: uma leitura da poética de Aristóteles. *Tempo e narrativa I*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994. p. 55-84.